



MEMÓRIAS E BRINCADEIRAS: A INFÂNCIA PRESERVADA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Emanoel do Prado¹

Maria Clara da Silva Sartori Batista²

Da infância para a memória

A infância é um momento crucial para a formação dos indivíduos, pois há o desenvolvimento dos papéis sociais, as identidades e as memórias que acompanham a todos ao longo de suas histórias.³ As brincadeiras infantis são essenciais, pois permitem que as crianças explorem ao seu redor, desenvolvam a criatividade, aprendam a se relacionar com os outros e como funciona o mundo físico, social e cultural.

Um dos meios de explorar o passado e enxergar as gerações anteriores é a historiografia oral. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar o tema da infância e do brincar, conforme apresentado na coleta para a produção de documentários. As filmagens foram produzidas na cidade de União da Vitória, Paraná, pelo Laboratório de Aprendizagem Histórica (LAPHIS) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), no âmbito do Projeto de Extensão “Tem Sempre uma Boa História” no ano de 2023. O documentário é apresentado de forma didática e em formato de entrevistas acerca das memórias de idosos da cidade sobre as brincadeiras que realizavam quando crianças e de suas engenhosidades em produzir seus próprios brinquedos.

As informações obtidas nas entrevistas apresentados de forma didática para escolas, dando voz aos idosos e levantando questões sobre a memória coletiva da cidade, abre

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus União da Vitória. Bolsista pelo Projeto de Extensão: Rede Incluir - Direitos Inclusivos, Educação e Tecnologias Assistivas. Fundação Araucária - Laboratório de Aprendizagem Histórica (UNESPAR), emanoelprado369@gmail.com

² Graduada em Letras Inglês/Português pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus União da Vitória. Bolsista pelo Projeto de Extensão: Rede Incluir - Direitos Inclusivos, Educação e Tecnologias Assistivas. Fundação Araucária - Laboratório de Aprendizagem Histórica (UNESPAR), mariaclaradasilvasartori@gmail.com

³ BENJAMIN, Walter. *Reflexões Sobre o Brinquedo, a Criança e a Educação*, ed. 34, São Paulo, 2002.



possibilidades de interesse das crianças pela história local. Promovendo reflexões sobre a memória coletiva e estabelece uma conexão mais profunda entre alunos e o conteúdo histórico.

Quando propiciarmos um significado social para os sujeitos históricos que ainda vivem e fizeram parte de um contexto que ainda rescalda inocentemente e que muitas vezes possuem suas vozes silenciadas pela engrenagem massiva da História, temos uma oportunidade de analisar a sociedade por suas mais finas costuras e remendos para além das histórias oficiais. Com um enfoque nestes indivíduos sem grandes prestígios sociais, os estudos demonstram pontos de vista e aspectos que são naturais aos viventes da qual os pesquisadores sociais se debruçam para compreender a história e a cultura do local.⁴ O projeto, portanto, destaca a história oral como uma ferramenta de ensino que fortalece o diálogo entre escola e família. Ao envolver diferentes gerações no compartilhamento de suas memórias, essas lembranças se tornam uma ponte para a produção colaborativa de conhecimento histórico na sala de aula. Isso abre muitas possibilidades para uma conexão única entre família e escola, transformando o conhecimento próximo em algo mais palpável e visível, que antes poderia ter sido inadvertidamente despercebido.

Brincadeiras e relação com o meio

Constantemente temos pensamentos de nosso passado, essas memórias são formadas por nossas percepções do mundo a nossa volta e estas percepções são compreendidas por nós mediante momentos específicos e selecionados por nossa mente conforme o que consideramos mais importante, relevante ou até traumático. Apesar disto, todas as nossas memórias possuem ideais presentes, preconceitos, ideias e emoções. Nossas percepções mudam a imagem do passado e, além disto, podemos substituir ou reescrever memórias para preenchermos ou enriquecer os detalhes de nossas histórias.⁵

⁴ BOSI, Ecléa. *A Pesquisa em Memória Social*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 277-284, São Paulo, 1993.

⁵ CALLEFI, Jessica Syrio; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. *A Memória na História Oral de Vida dos Idosos*. Revista Interdisciplinar de Gestão Social, v. 8, n. 1, Universidade Federal da Bahia, p. 87-91, 2019.



As gravações foram realizadas no município de União da Vitória, localizada no extremo sul do estado do Paraná. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o município possui uma área total de 719,998 km², com uma população total de 55,033 habitantes.⁶ As etapas do projeto consistiram em realizar entrevistas voluntárias com os idosos que tinham maior tempo de moradia na cidade. O objetivo era obter entrevistas qualitativas sobre a memória local, juntamente com as histórias de suas brincadeiras da infância.

A partir dos relatos, as brincadeiras dos idosos de União da Vitória eram, em geral, simples e criativas. As crianças usavam objetos do cotidiano para criar seus brinquedos, como tábuas, latas e sabugos de milho. Essas brincadeiras também eram uma forma de explorar o mundo ao seu redor. Consoante ao que foi coletado, os relatos de experiências dos idosos sobre suas infâncias, brincavam de esconde-esconde, pega-pega, bola e outras brincadeiras que exigiam que elas se movimentassem pelo ambiente. Brincavam em grupos, normalmente de vizinhos e colegas de escola, desenvolvendo a capacidade de cooperar e resolver conflitos. Além das brincadeiras tradicionais, as crianças desta antiga União da Vitória também aproveitavam seus dias no rio Iguaçu, que era uma importante fonte de lazer e diversão para as crianças da cidade. Além de fornecer um local onde elas podiam se divertir, aprender e explorar o mundo ao seu redor.

O rio Iguaçu é de extrema importância, como se deixa entrever pela história neste município paranaense, do qual se iniciou ainda na época do Império do Brasil, com a descoberta de um vau no rio, que permitia a passagem de tropeiros e seu gado, neste contexto do fim do século XIX que se inicia uma pequena vila portuária: Porto União da Vitória. No século seguinte, já com sua separação territorial e política, a vida na cidade de União da Vitória ainda continuava sendo muito dependentemente ao rio Iguaçu, pois era o principal meio de transporte da erva-mate, a principal base econômica da região, a cultura local era marcada pelas crianças que aproveitavam a vida de ribeirinhos, como mencionado pelos idosos.

⁶ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *União da Vitória*, Cidades e Estados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/uniao-da-vitoria.html>>. Acesso em 13 nov. 2023

Sobre o rio, ouvem-se relatos fascinantes que revelam a profunda conexão das crianças com suas águas. Além de ser um lugar para se refrescar em banhos refrescantes, o rio também se tornava um palco para competições secretas de natação. Nessas brincadeiras criativas, as crianças estabeleciam pontos imaginários, desafiando-se a nadar habilmente de um ponto ao outro. O rio não tão somente era uma extensão de água, mas paralelamente era um cenário que testemunhava as alegrias e amizades da infância.

Outro enfoque foi a peteca, que é uma brincadeira mencionada com frequência pelos idosos entrevistados no documentário, a peteca é um brinquedo antigo apontado por historiadores como sendo estritamente brasileiro, advindo das tribos indígenas Tupis. A palavra peteca vem do tupi e significa “bater”. Os idosos entrevistados relatam que a peteca era uma brincadeira muito adorada. Pois gostavam de confeccionar as petecas com penas de galinhas e de apresentar a seus amigos. Eles também contavam com orgulho que batiam recordes de quantas vezes batiam na peteca antes dela cair.

Adicionalmente, há uma seguinte atividade simples e amplamente citada pelos idosos, que foi praticada em tempos passados e ainda presente são as brincadeiras de roda/cirandas. Elas envolvem cantigas, rimas, cânticos e danças, e estimulam a coordenação motora, a memorização, a noção de espaço e a socialização. Uma das brincadeiras de roda mais antigas e populares é a “Ciranda, cirandinha”. Nesta brincadeira, os participantes se posicionam em roda e dão as mãos. Em seguida, começam a girar e cantar a música. Em determinada parte da música, o nome de um dos participantes é inserido. O participante cujo nome é inserido terá de ir para o meio da roda quando a música terminar. A brincadeira termina quando todos os participantes estão no meio da roda.

Mudanças Socioculturais: o impacto no brincar

Atualmente, há uma transição do ser aluno, que abandona o conceito de ser um receptor de informações para um indivíduo ativo no processo de ensino. Em contraste com a Ditadura Militar (1964-1985), as diferenças são marcantes. Durante este regime, ainda em voga para os entrevistados, a educação foi profundamente afetada, professores

e estudantes foram censurados, e políticas educacionais impregnadas de ideologias rígidas foram implementadas pelo governo. A liberdade acadêmica e a diversidade de pensamento foram restringidas, findando uma necessidade de reforma no sistema educacional.⁷ Assim, é possível refletir nas práticas de ensino atual que desejam incluir o brincar em sala de aula na formação do conhecimento, representando uma transformação importante em direção a uma educação mais inclusiva, em contraste aos tempos vividos pelos idosos entrevistados.

As práticas de ensino atuais, ao incluir o brincar na sala de aula, refletem uma transformação rumo a uma educação mais inclusiva, em contraste com o passado dos idosos entrevistados. A redemocratização trouxe as Leis de Diretrizes e Bases (1996) e a Base Nacional Comum Curricular (2018), promovendo uma abordagem inclusiva que valoriza o aprendizado lúdico e resgata aspectos essenciais da infância.

Em razão ao avanço da tecnologia, o espaço do brincar e do brinquedo estão sendo modificados.⁸ Estão em substituição por celulares, o tablets, videogames. As crianças têm passado mais tempo utilizando estas tecnologias do que brincando e interagindo com outras crianças fora do mundo virtual. Segundo Carlos Neto, um dos maiores especialistas mundiais na área da brincadeira e da sua importância,

Brincar permite desenvolver a capacidade de exploração e adaptação (motora, emocional, cognitiva e social), de confronto com o risco e a adversidade, aprendizagem, regulação e controle emocional, autoestima, imaginação e fantasia. Todos os animais que têm uma infância prolongada (como é o caso da vida humana) têm necessidade de investir muito tempo de jogo durante a infância enquanto ferramenta de aprendizagem e adaptação para situações inesperadas e imprevisíveis da vida adulta (Neto, 2017, p. 11).⁹

⁷ SALLES, Moacyr; STAMPA, Inêz. *Ditadura Militar e Trabalho Docente*. Revista Trabalho Necessário, v. 14, n. 23, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 170, 2016.

⁸ SANCHES, Ana Paula Lermen et al. *Efeitos Da Exposição Tecnológica Digital Na Primeira Infância*. Tese de Conclusão de Curso - Psicologia, Centro Universitário de Várzea Grande, Mato Grosso, 2020.

⁹ NETO, C. *Brincar e Ser Ativo na Escola*. Educação e Aprendizagem: Diferentes Olhares, v. 37, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, p. 11, 2017.

Como destacado, o ato de brincar é essencial na infância e com essa nova substituição o desenvolvimento da criança pode ser afetado, para além da saúde mental, temos a uma claudicância da imaginação, atenção, memória, imitação, encenação, além de privar suas habilidades sociais, cognitivas e físicas. O brincar não é meramente recreativo, mas uma ferramenta vital de aprendizagem, preparando as crianças para desafios imprevisíveis da vida adulta. A negligência dessa dimensão na infância pode ter implicações duradouras. Essa interação não apenas resgata brincadeiras e memórias do passado, mas também cria um espaço de aprendizado significativo, onde as crianças podem desenvolver o conhecimento ao reconhecer o valor histórico-cultural das práticas lúdicas e revitalizar aspectos essenciais do brincar como elemento formador.

Com a urbanização e o avanço tecnológico, as crianças passaram a brincar mais dentro de casa, nos espaços internos de seus quartos, garagens ou jardins. Como analisado por Martins e Cruz,

[...] a diminuição do tempo disponível para as brincadeiras em decorrência da preocupação exagerada com a preparação para o futuro ou a inserção precoce em atividades de trabalho; a restrição do espaço, em função do aumento da violência e do ritmo acelerado dos carros; a redução de possibilidade da ação social infantil, da qual o brincar é o grande favorecedor – constitui-se um aspecto da sociedade contemporânea que contribui para a transformação das condições de vivências infantis relacionadas às brincadeiras e o que verificamos é a diminuição da oportunidade de vivências lúdicas [...] (Martins; Cruz, 2014, p. 20).¹⁰

Ademais, como resultado desse processo, a mentalidade em relação às brincadeiras na rua começou a mudar entre os pais da geração de 1980. Estar na rua se tornou, concomitantemente, negativo, como uma ameaça à segurança das crianças. No cenário atual, observa-se uma intenção de retomada do brincar ao ar livre na infância, impulsionada principalmente pela compreensão dos problemas associados à ausência dessas atividades. A mudança das perspectivas é motivada pela noção negativa na

¹⁰ MARTINS, Ida Carneiro; CRUZ, Maria Nazaré. *Brincar na Rua e Brincar na Escola: Infância, Lazer e Educação*. Impulso, v. 24, n. 61, Piracicaba, São Paulo, p. 20, 2014.

infância, como a falta de potencial criativo, prejuízos a cognição e o sedentarismo, assim visto em 2021, quando o Ministério da Saúde alertou que aproximadamente 3,1 milhões de crianças com quadros preocupantes de sobrepeso, indicando a necessidade urgente de abordagens que incentivem o brincar.¹¹

Com essa perspectiva em mente e, ao explorarmos a infância retratada nas memórias relatadas para o projeto em relação à contemporaneidade, surgem diversas reflexões significativas. A infância passada permanece encapsulada, evocando uma mistura heterogênea de nostalgia e apreensão em relação a elementos traumáticos e transformadores, mesmo que não explicitamente revelados. Observa-se um distanciamento notável entre as relações de crianças e familiares. Logo, as memórias dos idosos para o ambiente escolar não apenas enriquece as aulas de história, mas também fortalece os laços intergeracionais. Essa prática permite que os alunos se conectem ao passado de uma maneira mais íntima, relacionando-o às suas próprias experiências e ao contexto local.

Essas mudanças socioculturais não tão longínquas, embora gerem nostalgia, também despertam preocupações atuais relacionadas ao medo dos possíveis traumas, das dores e da sujeira, elementos que foram parte integrante da vivência infantil passada. Desta forma, esse contraste entre a infância documentada e a contemporânea destaca não apenas uma evolução temporal, mas também a necessidade de compreender como as memórias dos idosos se tornaram guardiãs de um período já inexistente, à medida que cada geração se distancia cada vez mais e se torna incompreensível conforme a máquina da história avança constantemente.¹²

A memória e potencial didático em aulas de História

A produção documental, neste contexto, destaca sua utilidade e potencial como ferramenta pedagógica no ensino de história. Ao trabalhar conteúdos históricos por meio

¹¹ BRAUN, Julia. *Obesidade Infantil: As Razões por Trás do Aumento de Peso entre as Crianças Brasileiras*. BBC News Brasil, São Paulo, 21 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60796823>>. Acesso em 23 nov. 2023

¹² MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. *História Oral como Fonte: Problemas e Métodos*. *Historiæ*, Universidade Federal do Rio Grande, 2 (1), Rio Grande do Sul, p. 96 - 97, 2011.

de memórias orais, cria oportunidades únicas de engajamento, conectando alunos, professores e a comunidade em torno de uma narrativa local viva e presente. Documentar e transmitir essas narrativas não apenas lança luz sobre a transformação dessas memórias ao longo do tempo, mas também destaca a importância de preservar as nuances culturais que moldaram a infância ao longo das décadas.¹³

Essa abordagem de questionário não visa apenas obter dados, mas busca alcançar uma compreensão das memórias que permeiam os estilos narrativos. Ao referirem-se às memórias dos idosos, é possível perceber que as lembranças transcendem o individual, transformando-se em memórias coletivas que presenciam as mais complexas relações sociais deste passado. A coletividade não é apenas reminiscências pessoais, mas sim testemunhos de um período que ecoa como parte funcional de uma identidade cultural. Deste modo, a documentação do testemunho oral tece uma narrativa significativa, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história e da identidade cultural desta comunidade.

Portanto, a preservação das memórias da infância, não é apenas um exercício de olhar para trás, mas também uma ação de orientar o presente e pensar o futuro. Ao salvaguardar essas lembranças, contribuímos para a construção de uma narrativa coletiva que fortalece a identidade local e promove a compreensão intergeracional.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Reflexões Sobre o Brinquedo, a Criança e a Educação*. ed. 34, São Paulo, 2002.

BOSI, Ecléa. *A Pesquisa em Memória Social. Instituto de Psicologia*. Universidade de São Paulo, v. 4, n. 1-2, São Paulo, 1993.

CALLEFI, Jessica Syrio; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. A Memória na História Oral de Vida dos Idosos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 8, n. 1, Universidade Federal da Bahia, 2019.

¹³ *Ibid*, p. 101.



FRANCO, Nadia Garcia. *A Importância do Brincar ao Ar Livre*. Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *União da Vitória*, Cidades e Estados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/uniao-da-vitoria.html>>. Acesso em 13 nov. 2023

LAZIER, Hermógenes. *Origem de Porto União da Vitória*. Coleção Vale do Iguaçu, n.51, Porto União: Uniporto Gráfica e Editora Ltda., Paraná, 1985.

MARTINS, Ida Carneiro; CRUZ, Maria Nazaré. Brincar na Rua e Brincar na Escola: Infância, Lazer e Educação. *Impulso*, v. 24, n. 61, Piracicaba, São Paulo, 2014.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como Fonte: Problemas e Métodos. *Historiæ*, Universidade Federal do Rio Grande, 2 (1), Rio Grande do Sul, 2011.

NETO, C. *Brincar e Ser Ativo na Escola*. Educação e Aprendizagem: Diferentes Olhares, v. 37, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2017.

PROJETO TEM I – BRINCADEIRAS. Produção: Laboratório de Aprendizagem História, Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória, 2023. Documentário (36 min). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=TexWy-dGVUI>. Acesso em: 10 ago. 2024.

SANCHES, Ana Paula Lermen et al. *Efeitos Da Exposição Tecnológica Digital Na Primeira Infância*. Trabalho de Conclusão de Curso - Psicologia, Centro Universitário de Várzea Grande, Mato Grosso, 2020.

SALLES, Moacyr; STAMPA, Inêz. *Ditadura Militar e Trabalho Docente*. Revista Trabalho Necessário, v. 14, n. 23, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.